



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PSICOPEDAGOGIA



Andressa Karla De Lima Rosas

**AFETIVIDADE FAMILIAR: IMPLICAÇÕES NA DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM**

**Orientadora: Ms. Maria Tereza Lira de Oliveira**

**JOÃO PESSOA**

**2017**

ANDRESSA KARLA DE LIMA ROSAS

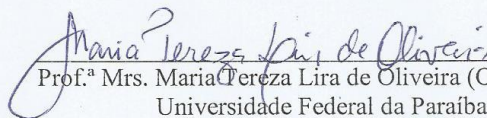
AFETIVIDADE FAMILIAR: IMPLICAÇÕES NA DIFICULDADE DE  
APRENDIZAGEM

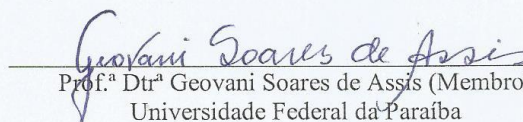
Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso de Bacharelado  
de Psicopedagogia do Centro de  
Educação da Universidade Federal da  
Paraíba, como requisito parcial para a  
obtenção do grau de Bacharel em  
Psicopedagogia.

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Mrs. Maria Tereza  
Lira de Oliveira

Aprovado em: 20/11/2017.

BANCA EXAMINADORA

  
Prof.<sup>a</sup> Mrs. Maria Tereza Lira de Oliveira (Orientadora)  
Universidade Federal da Paraíba

  
Prof.<sup>a</sup> Dtr.<sup>a</sup> Geovani Soares de Assis (Membro)  
Universidade Federal da Paraíba

R788a Rosas, Andressa Karla de Lima.

Afetividade familiar: implicações na dificuldade de aprendizagem /  
Andressa Karla de Lima Rosas. – João Pessoa: UFPB, 2017.  
20f.

Orientadora: Maria Tereza Lira de Oliveira  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Psicopedagogia)  
– Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Dificuldades de aprendizagem. 2. Família. 3. Estilo parental. I.  
Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37.015.3(043.2)

## AFETIVIDADE FAMILIAR: IMPLICAÇÕES NA DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

**Resumo:** Em meio a tantos históricos de fracasso escolar, no que se refere a dificuldade de aprendizagem, podemos dizer que isto não se limita a idade, a ano escolar nem tampouco somente a escola. Para melhor entender tais dificuldades buscamos neste estudo investigar a relação da afetividade familiar e a dificuldade de aprendizagem, de modo que nos foi possível identificar o estilo parental na prática educacional entre pais e filhos, e como se dar a relação entre eles. Entendemos que a família tem o poder de influenciar tanto positivamente como negativamente na manutenção dessas dificuldades. O presente estudo trata-se de uma pesquisa descritiva, de levantamento de dados, que irá se utilizar de análises qualitativas. Os instrumentos utilizados foram a entrevista sociodemográfica a fim de coletar dados pessoais e caracterizar a amostra, e entrevista com roteiro semiestruturado, onde foram selecionadas seis crianças com dificuldade de aprendizagem da clínica-escola de Psicopedagogia da UFPB que tiveram seus responsáveis entrevistados. Os relatos das entrevistas foram analisados a partir da análise de conteúdo qualitativa segundo Bardin (2011). Nos resultados foi possível perceber que 33,3% dos entrevistados tem um estilo parental educativo autoritativo, ou seja, pais que dão muito afeto assim como também colocam limites aos filhos.

**Palavras-chave:** Dificuldade de aprendizagem. Família. Estilo parental.

## 1. INTRODUÇÃO

A pesquisa ora apresentada busca aprofundar conhecimentos sobre as implicações da afetividade familiar na dificuldade de aprendizagem, uma vez que a família é à base de socialização para todo indivíduo, é nela que o sujeito irá se desenvolver em todos os aspectos seja ele, físico-motor, intelectual, afetivo-emocional e social, desde o nascimento até a idade adulta. Os pais carregam consigo a missão de primeiros educadores, exemplos para os primeiros aprendizados na vida de uma criança, tendo os mesmos a responsabilidade de bem formá-los e orientá-los para a vida.

Mediante essa realidade surge nossa inquietação de trazer a importância da afetividade para aprendizagem, tendo como foco a criança com dificuldade de aprendizagem e sua interação com a família. A afetividade é um dos conjuntos funcionais da pessoa e atua, juntamente com a cognição e o ato motor, no processo de desenvolvimento e construção do conhecimento (SALLA, 2011). Diante disso, a pesquisa traz como questionamento: Que implicações existem entre afetividade familiar e dificuldade de aprendizagem? Segundo Wallon (1971), a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento. Para ele, a emoção, uma das dimensões da afetividade, é instrumento de sobrevivência inerente ao homem, é “fundamentalmente social” e “constitui também uma conduta com profundas raízes na vida orgânica” (DANTAS et al, 1992 p. 85).

Nessa perspectiva entende-se que no processo de aprendizagem escolar o aluno ao se sentir amado e acolhido pela família, em um ambiente no qual exista diálogo e compreensão entre pais e filhos, terá reflexo no seu rendimento escolar de forma positiva sentindo-se confiante e encorajado a enfrentar os desafios escolares. Caso a família esteja passando por um processo turbulento envolvendo dificuldades financeiras, brigas, separação, problemas de saúde, entre outros, não dando a atenção devida a criança, ela também poderá ser afetada, causando prejuízos escolares por esse clima familiar. A este respeito nos diz Wallon (1975):

Sem dúvida que o papel e o lugar que aí ocupa [a criança] são em parte determinados pelas suas próprias disposições, mas a existência do grupo e as suas exigências não se impõem menos à sua conduta. Na natureza do grupo, se os elementos mudam, as suas reações mudam também. (p.20)

Além disso, será abordado os estilos parentais no intuito de melhor entender como se dar o estilo de educação oferecida pelos pais aos seus filhos e suas consequências. Vários autores estão dando a sua contribuição para a categorização dos estilos parentais, avaliando o seu impacto no desenvolvimento psicossocial da criança na tentativa de evitar o sofrimento e consequências

desastrosas, assim como proporcionar hábitos saudáveis e melhor desempenho na relação entre pais e filhos.

A pesquisa desenvolvida trata-se de um levantamento de dados que tem por objetivo geral investigar a relação da afetividade familiar e a dificuldade de aprendizagem, especificamente pretende-se: Verificar o estilo educativo parental presente na relação entre pais e filhos; Identificar os tipos de relações existentes na família e analisar as implicações da afetividade na dificuldade de aprendizagem.

O estudo tem como motivação o interesse particular da pesquisadora em aprofundar o conhecimento sobre a referida temática buscando entender com mais profundidade as implicações das relações familiares na dificuldade de aprendizagem e, conseqüentemente, no rendimento escolar.

Côncios que a nossa temática não se finda no propósito que iremos colocar durante todo o trabalho escrito, nas nossas fundamentações teóricas e nos nossos objetivos, porém com a certeza que estamos abrindo caminhos para novas pesquisas e interesses para outros pesquisadores. Acreditamos que a realização desta pesquisa trará contribuição científica para pais, professores e psicopedagogos que têm interesse pela temática, subsidiando-os em suas ações.

## **1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 AFETIVIDADE NO AMBIENTE FAMILIAR**

A afetividade dentro de uma família não se resume a atitudes de carinho, ou a dizer sempre “SIM”. O termo estar relacionado à capacidade do ser humano de ser afetado positivamente ou negativamente tanto por sensações internas como externas. A afetividade se refere as vivências dos indivíduos e as formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas. Wallon apresenta a dimensão afetiva como ponto extremamente importante em sua teoria psicogenética, para ele a afetividade nasce antes da inteligência. Nos traz especificamente Almeida em seus relatos vistos e estudados durante o estudo aqui exposto.

Já na teoria do desenvolvimento, Wallon coloca uma definição para compreender melhor a afetividade, que inclui emoções, sentimentos e paixões. Estudos esses que requereu grande parte do seu tempo e dedicação, esta definição também nos é apresentada por Almeida (2010):

O conjunto afetivo oferece as funções responsáveis pelas emoções, pelos sentimentos e pela paixão. Afetividade refere-se à capacidade do ser humano de ser afetado pelo mundo interno e externo, por sensações ligadas a tonalidades agradáveis e desagradáveis. (p.26)

Os três campos funcionais – afetivo, motor, cognitivo – funcionam de forma integrada: a pessoa é o todo que integra esses campos, sendo, ela própria, um campo funcional (GALVÃO, 2010). Essa alternância de domínios funcionais não exclui a presença de conjuntos não dominantes, já que estes continuam interagindo entre si, formando a complexidade presente na personalidade da pessoa.

O desenvolvimento é um processo progressivo, diante disso, Wallon (1975) construiu uma sequência de estágios para buscar explicar, em mais detalhes, como o indivíduo se relaciona com o ambiente e com o ser humano, e, finalmente, se constitui como pessoa. Em cada etapa do desenvolvimento propõe os seguintes estágios: impulsivo-emocional — 0 a 1 ano; sensório-motor e projetivo — 1 a 3 anos; personalismo — 3 a 6 anos; categorial — 6 a 11 anos; puberdade e adolescência — 11 anos em diante. Em cada estágio um dos conjuntos predomina; isto é, fica mais em evidência, embora os outros também estejam presentes numa relação recíproca e complementar. Assim é que o conjunto afetivo está mais evidenciado nos estágios do personalismo, e da puberdade e adolescência.

Os referidos estágios obedecem a uma sequência temporal que representa a lógica da construção do psiquismo humano, sendo que estes não implicam apenas acréscimo de atividades mais coordenadas, mais complexas, mas, sim, uma reorganização qualitativa que abrange a maneira como os conjuntos funcionais são articulados.

Trazendo esses aspectos para o convívio familiar, é justamente no estágio do personalismo e da puberdade e adolescência que a família precisa incentivar e se fazer ainda mais presente para seus filhos, compreendendo e encorajando para progredirem, dessa forma consequentemente constituem crianças mais fortes e confiantes para superarem suas dificuldades.

Para a criança os sentimentos que seus pais passam durante os anos que antecedem a escola, são de fundamental importância para o desenvolvimento da aprendizagem escolar, pois na maioria das vezes que os pais tem dificuldade em demonstrar afeto e carinho por seus filhos, pode fazer com que a criança se sinta inibida, retraída no contato com os demais, afetando o seu desenvolvimento sentimental e emocional trazendo consequências em sua vida.

O afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem afeto não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação e consequentemente perguntas ou problemas nunca seriam colocados (PIAGET, 1962). Neste sentido entende-se que os pais são os

maiores colaboradores para o desenvolvimento afetivo das crianças, alcançando com isso sentimentos de auto confiança e auto estima como diz a autora Coria-Sabini:

Os pais têm um papel importante no processo de desenvolvimento da autonomia. Se eles encorajarem as iniciativas da criança, elogiarem o sucesso, derem tarefas que não excedam as capacidades da criança, forem coerentes em suas exigências e aceitarem os fracassos, estarão contribuindo para o aparecimento do sentimento de auto confiança e auto estima (1998, p.65).

Não há como ignorar que a forma como as famílias estão estruturadas podem interferir no processo ensino aprendizagem, pois as crianças que vivem em famílias que tem uma interação saudável com presença de uma união estável e coesa, com capacidade de diálogo, com recursos para ter uma vida digna, apresentam com maior frequência excelentes resultados durante toda sua vida escolar e social. Já os membros de uma família desestruturada, geralmente se mostram defensivos, distantes, agressivos e tendem a apresentarem, na maioria das vezes, dificuldades em sua vida escolar e social.

É importante que pais, professores e outros profissionais que estejam envolvidos com o aluno dispensem atenção à consciência afetiva que o aluno experimenta, pois, de acordo com a teoria de Goleman (1995), o controle das emoções é fator essencial para o desenvolvimento da racionalidade e cognição do indivíduo. Além disso, o autor considera ainda que a afetividade pode aumentar a capacidade de pensar, de analisar realisticamente os problemas da vida, de fazer planos e executar ações com mais acertos, prazer e competência.

## 2.2 ESTILOS PARENTAIS

Entende-se por estilos parentais as práticas educacionais exercida pelos pais aos seus filhos. Desde o princípio da vida, há uma busca por parte dos pais em direcionar os comportamentos de seus filhos com vistas à aquisição de hábitos que os conduzam à autonomia e à responsabilidade (PACHECO; SILVEIRA; SCHNEIDER, 2008). Os pais tem uma influência determinante no desenvolvimento dos filhos, e isto abrange o desenvolvimento social, cognitivo e psicológico, porém, é a relação que se dar entre eles que vai formar a base de referências para o filho, além de transmitir as primeiras informações relacionadas ao mundo. Essa relação é estudada a partir das práticas educativas parentais (SALVADOR; WEBER, 2005).

A concepção que se tem conforme Kobarg e Vieira (2008) destacam, é que as diretrizes que são frutos das práticas parentais percorrem a cultura e o contexto familiar que vai influenciar não

somente o comportamento dos filhos, mas também no processo de transmissão de valores e normas características de determinado contexto social. Os estilos educativos são determinados de acordo com o padrão de comportamento preponderante dos pais na educação dos filhos (TEIXEIRA; OLIVEIRA; WOTTRICH, 2006). Na maioria das vezes os estilos educacionais que os pais exercem, sucedem da sua família de origem que podem ser somados a características pessoais e ao contexto social que viveram.

Para melhor entendermos os estilos parentais, Costa, Teixeira e Gomes (2000), afirmam que eles remetem a duas grandes dimensões educativas: responsividade e exigência. A dimensão da responsividade está diretamente ligada a compreensão, a atitudes de confiança que os pais tem para com seus filhos, dessa forma buscam ajudá-los no desenvolvimento da autonomia e da autoafirmação por meio de apoio emocional. Segundo Parolin (2009), valorizar o sentimento ou a observação da criança é importante, mas não deve desviar o caminho. A criança que recebe orientação segura, que é ouvida, que tem um espaço para manifestar-se, saberá ouvir e respeitar o espaço do outro.

Já a dimensão exigência, diz respeito à disponibilidade dos pais em exercer o papel de agentes socializadores, através de um monitoramento ou supervisão. Dessa forma se estabelece expectativas de desempenho, cobrança e da disciplina consciente e contingente (PACHECO; SILVEIRA; SCHNEIDER, 2008). Esta mesma dimensão, também estar relacionada a implantação de limites e ao controle de conduta dos filhos, mas não com punição dos mesmos. Os pais são chamados a terem atitudes consistentes, firmes e claras, mas sem nenhum sentido opressivo, abusivo.

Na perspectiva de uma identificação dos estilos e práticas parentais, Baumrind apresentou um primeiro modelo classificando em três estilos: autoritativo, autoritário e permissivo. Baumrind (1966) qualificou que pais autoritativos estabelecem normas e limites em um clima de “calor afetivo”. A comunicação é positiva e otimista, tem atitudes voltadas a especificidade da criança, respeitando a sua idade e motivações, fazendo exigências de maturidade concordantes com as capacidades e interesses da criança. São pais democráticos, cooperativos e educadores, dão muito afeto e ao mesmo tempo tem um bom controle sobre eles. Incentivam ao diálogo e incitam os filhos a pensarem sobre suas próprias atitudes.

Já os pais autoritários, se caracterizam por controlarem o comportamento de suas crianças estabelecendo regras de conduta em geral absolutas. Deste modo, prezam a obediência como algo essencial e não tem restrições em tomar alguma medida de punição (verbal ou física), ao se depararem com um conflito de ideias com seu filho (BAUMRIND, 1966). Sendo assim, tornam a

relação escassa de demonstração de afeto, inclusive fazendo críticas e ameaças a criança, geralmente deixando-as oprimidas e retraídas ou até mesmo revoltadas com as atitudes de seus pais.

No terceiro estilo, encontram-se pais que não punem o comportamento dos seus filhos, atendem excessivamente os pedidos da criança. Os pais funcionam como recursos para atenderem os desejos das crianças, mas não como modelos. Neste estilo existe ausência de normas, não encorajando qualquer obediência. Há geralmente calor afetivo e comunicação positiva, sem exigências de maturidade. Alguns anos depois, MacCoby e Martin (1983) sugeriram uma revisão acerca dos estilos parentais sugeridos por Baumrind, propuseram uma subdivisão do estilo permissivo em indulgente e negligente:

- Indulgente: Neste estilo, os pais são muito afetuosos mas exercem pouquíssimo monitoramento sobre seus filhos e conseqüentemente tem um baixo controle parental. Não exigem maturidade dos seus filhos, são muito flexíveis. Dessa forma pais indulgentes acabam promovendo uma pseudoautonomia e pseudoindependência do sujeito, assim como a inibição de valores, como a solidariedade e justiça (TEXEIRA; OLIVEIRA; WOTTRICH, 2006).
- Negligente: Pais negligentes são aqueles que nem são exigentes nem responsivos, ou seja, não tem uma relação afetiva nem tampouco exercem algum monitoramento sobre os filhos, se preocupando apenas com seus problemas pessoais. Deixam assim o indivíduo confiado a sociedade, sem apoio para as suas necessidades.

Portanto, levando em consideração a diversidade dos estilos e práticas parentais, é fundamental que os pais encarem a parentalidade com humildade, dando-se a oportunidade de refletir e procurar dar o melhor de si, respeitando a individualidade da criança, permitindo que ela desenvolva competências sociais e emocionais, para o bem estar dela e dos demais familiares.

### 2.3 DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

Segundo as autoras Rocha e Machado (2002), a partir de um rompimento no relacionamento da família, a criança pode se sentir prejudicada em seus estudos, e isso influenciará de forma significativa no seu desempenho escolar, levando a uma dificuldade de aprendizagem. As dificuldades podem ser provocadas a partir de fatores orgânicos ou até mesmo emocionais e é importante que sejam descobertas logo, afim de ajudar o estudante em seu processo educacional.

As dificuldades de aprendizagem sabemos que são desordens, problemas neurológicos que interferem na recepção, integração, retenção ou expressão das informações, desencadeando déficits de memória, perceptivos, motores, de linguagem, de pensamento e/ou metacognitivos. As crianças

com dificuldades de aprendizagem geralmente apresentam disfunções em habilidades necessárias para haver aprendizagem efetiva, apresentando problemas na compreensão da leitura, organização e retenção da informação e na interpretação de textos.

Geralmente são lentas ao processar informações, apresentam estratégias pobres para escrever, problemas de organização espacial e muita distração, o que acarreta dificuldade de comunicação e hábitos ineficientes de estudo (JARDINI et al, 2006). É comum depararmos com crianças assim, pois em sua maioria, encontram-se negligências por parte de educadores e familiares na fase pré-escolar, e muitas vezes o problema só é percebido quando existem repetências de ano. Na escola os professores irão se deparar com diversos históricos, para bem atendê-los se faz necessário olhar com detalhes a realidade de cada um, desta maneira pode-se evitar um maior desenvolvimento das dificuldades de aprendizagem.

Para identificar uma dificuldade de aprendizagem, o papel do professor é fundamental, pois é ele quem terá o contato diário com a criança, além de ter um maior acesso aos grupos que o cercam: família, amigos e outros professores. Na escola existem rotinas que facilitam a identificação de queixas que podem apontar ou não, alguma dificuldade de aprendizagem. Antes de qualquer diagnóstico, o indivíduo deve passar por uma avaliação Psicopedagógica e conforme a sua necessidade deverá ser encaminhado para outros profissionais dando assim o diagnóstico preciso e início as intervenções Psicopedagógicas para melhor desempenho de sua aprendizagem.

Diante desta realidade, a família tem por responsabilidade acompanhar seus filhos no período escolar, participar das reuniões e procurar se envolver em tudo o que a escola promove, facilitando assim a proximidade com a criança e intervindo nas situações que necessitam de uma maior atenção, evitando a alargamento das dificuldades de aprendizagem e reprovações. Não esquecendo de em casa proporcionar momentos no qual a criança irá executar as atividades escolares com a ajuda dos pais, que irão ter o contato direto no andamento da aprendizagem do filho.

Ressalvamos, que não devemos esquecer que todo o ser humano procura identificação e aceitação em um grupo. Se sua família não estiver promovendo essa identificação e organização necessária, a criança e adolescente irão buscá-las fora do convívio parental. Logo, surge o que Ramos (2001) denomina de aprendizagens distorcidas, podendo levá-lo à margem da sociedade, o que comumente percebemos.

### **3. MÉTODO**

#### **3.1 Delineamento**

O presente estudo trata-se de uma pesquisa descritiva, do tipo levantamento de dados, que se utiliza de análises qualitativas.

### **3.2 Participantes**

Participaram da pesquisa seis famílias com filhos(as) que estão em atendimento na Clínica-Escola de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba na cidade de João Pessoa-PB, tendo elas filhos com idade entre 6 a 14 anos, a maioria do sexo masculino (66,6%). Todos apresentam algum tipo de dificuldade de aprendizagem sem psicopatologias. Tratou-se de uma amostra de conveniência, pois é o local de estágio da pesquisadora, tendo participado aqueles que, de acordo com a disponibilidade, concordaram voluntariamente em fazer parte do estudo.

### **3.3 Instrumentos**

Para a construção e realização desta pesquisa foram utilizados os seguintes instrumentos:

***Entrevista com roteiro semiestruturado*** – Foram entrevistadas famílias afim de investigar a relação da afetividade familiar no processo de aprendizagem, onde foram solicitados dados específicos.

***Dados Sociodemográficos*** – Com fins de caracterização da amostra, nesse estudo, o questionário é composto pelas seguintes questões sociodemográficas: Idade da pessoa entrevistada, sexo, grau de parentesco e seu grau de escolaridade, idade da criança, sexo da criança e seu atual ano escolar.

### **3.4 Procedimento**

Inicialmente, foi realizada uma conversa informal com algumas estagiárias da clínica-escola de psicopedagogia da UFPB, afim de saber informações preliminares dos seus aprendentes: idade, qual dificuldade de aprendizagem apresentam, se iam sozinhos ou acompanhados para a clínica e quem geralmente os acompanhavam. A pessoa que acompanhava a criança ou adolescente em atendimento, foi apresentada a pesquisadora pela estagiária.

Em seguida, para a realização do presente estudo, foi utilizado o procedimento padrão de apresentação do instrumento de coleta de dados, no qual os participantes, foram informados sobre o caráter voluntário da participação, o anonimato e sigilo das respostas dadas. Após os esclarecimentos, tendo os participantes concordado com a participação na pesquisa, foi assinado o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (TCLE; Anexo), que tem como base os preceitos éticos vigentes para a realização de pesquisas com seres humanos, defendidos pela Resolução nº 466/12 e 510/16 do CNS.

Após explicar todas as dúvidas surgidas, foi informado que os dados coletados e resultados ficarão disponíveis para os interessados. O questionário sociodemográfico juntamente com a entrevista semiestruturada foi aplicado com aquele que tem mais contato com a criança, onde uns foram os pais e outros a avó materna. Teve uma duração média de 12 minutos.

### **3.5 Análise dos Dados**

No presente estudo, os dados foram coletados através da entrevista semiestruturada que foi composta pelas seguintes perguntas: “Quantas pessoas compõem a sua família?”, “Quantos irmãos a criança tem e qual a idade de cada um?”, “Como se dar a relação entre pai/mãe?”, “Como se dar a relação entre pai/filhos?”, “Como se dar a relação entre mãe/filhos?”, “Como se dar a relação entre os irmãos?”, “Existe cobrança por parte dos pais com relação a tirar boas notas na escola?”, “Qual é a reação dos pais quando a criança tira nota baixa?”, “Como a criança demonstra ficar quando tira notas baixas?”, “Existe troca de carinho entre você e seu/sua filho (a)? Como se dar esta relação? Há uma amizade entre vocês?”, “Seu filho apresenta alguma dificuldade de aprendizagem?” e “Em caso afirmativo, quais as dificuldades?” A entrevista foi referenciada de acordo com a análise de conteúdo, ferramenta descrita por Bardin (2011) como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

## **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Através da análise de conteúdo de Bardin (2011), utilizando-se da técnica de entrevista, buscou-se configurar categorias temáticas sobre a afetividade familiar e suas implicações nas

dificuldades de aprendizagem. Foram obtidas três temáticas de resposta: *Relacionamento entre os pais* (Ex: “Não existe relação entre pai e mãe, nunca houve convívio com o pai”, “Boa, quando discutimos é no quarto”, “Atualmente temos uma boa relação mas passamos um ano brigando e o nosso filho ameaçou fugir de casa”, “Nada afetivo”, “Não nos falamos” “Boa, mas não conversamos”).

*Relacionamento dos pais com o(a) filho(a)* (Ex: “É uma relação boa mas as vezes se estressa muito comigo e tem ciúmes quando estou com seu pai, ele dorme conosco na cama,”, “Temos uma relação boa, as vezes coloco de castigo e em relação ao pai somos separados, vai para lá de 15 em 15 dias, não comenta nada sobre como foi lá”, “Não mora com os pais, somente comigo que sou a avó materna, mas os pais mantém contato com ela. Eu e ela temos uma relação muito boa, carinhosa e conversamos sempre”, “É muito distante do pai, pois não tem contato. Já eu e ele temos uma relação conturbante, ele é muito autoritário”, “Temos uma relação muito boa, de conversa, carinho, respeito. Somos amigas, faço meu papel de mãe tentando equilibrar as regras com o carinho e proteção que ela precisa para crescer e se desenvolver como uma pessoa sem traumas. Quanto ao pai ela não conhece”, “Ótima”).

A última temática, refere-se a *reação dos pais em relação a notas baixas* (Ex: “Aceitamos, entendemos”, “Retiro o que ele gosta de fazer até as notas melhorarem”, “estimulo a se esforçar mais da próxima vez, sem represálias, converso e conscientizo bastante a minha filha”, “vou na escola procurar saber o que houve”, “Converso com ele”, “Converso”).

Diante do que foi analisado a partir do relacionamento entre os pais nos dados acima citados, pôde-se perceber que a maioria das crianças que teve seu responsável entrevistado são filhos de pais separados, ou seja 4 crianças (66,6%), não recebem muita influência daquele que não tem o convívio diariamente. Assim reafirmamos o que foi citado pelas autoras Rocha e Machado (2002), que em seu discurso falam o quanto é importante o relacionamento familiar, e que uma vez rompido pode prejudicar os estudos da criança levando a uma possível dificuldade de aprendizagem. Uma vez que todas as crianças que estão em atendimento tem dificuldade de aprendizagem.

No que se refere ao relacionamento dos pais com o filho observamos que os entrevistados não foram tão detalhistas em falar dessa relação, mas pelo o que foi dito percebe-se que a maioria não tem muito contato afetivo, abraço, beijo, apenas diálogos simples, pois não param para conversar sobre como foi o dia do(a) filho(a), se estar precisando de alguma coisa, ou se o mesmo deseja conversar. Apenas duas famílias das seis entrevistadas, sendo uma mãe que criou sem contato com o pai e a outra a avó materna, demonstraram, ser mais presente na vida das crianças

que estão em atendimento psicopedagógico, participam de tudo o que as cercam, se preocupando com seus interesses. Desta forma encontramos o modelo ideal do estilo parental educativo proposto por Baumrind (1966), que é o autoritativo onde a criança recebe limites em um “calor afetivo”, os pais são democráticos e participativos sendo assim colaboram com a criança no desenvolvimento da autonomia e autoconfiança.

Também não ficou muito claro para nós em relação a atitude de um pai entrevistado quando falou que retira coisas do filho até melhorar a nota e relata também que o filho esconde as notas baixas em um local específico da casa, provavelmente por medo ou timidez. Precisaria investigar mais para identificar se seu estilo parental é autoritário uma vez que Baumrind (1966) nos diz que a relação escassa de demonstração de afeto, inclusive fazendo críticas e ameaças a criança, geralmente as deixam oprimidas e retraídas.

Ao analisar o tema que se refere a reação dos pais quando o filho tira nota baixa, identificamos três tipos de respostas, uma a que se assemelha a pais autoritários, outros a autoritativos e outro a permissível indulgente segundo o novo modelo sugerido por MacCoby e Martin (1983), sendo este último caracterizado por pais que dão muito carinho mas não estão atentos as necessidades do filho promovendo uma pseudoautonomia e pseudoindependência da criança, assim como a inibição de valores, como a solidariedade e justiça.

Neste estudo percebemos que de alguma forma a relação afetiva e a dificuldade de aprendizagem estão relacionadas, pois nas seis famílias entrevistadas não foi observado nenhum tipo de preocupação entre os pais ou responsáveis pela criança ou adolescente quanto a importância da afetividade no processo de desenvolvimento da aprendizagem do aprendiz. Apenas duas entrevistadas relataram que na relação entre elas e o filho demonstram carinho além de colocar limites se preocupando com o desempenho escolar e com a vida social.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É de fundamental importância estreitar as relações entre pais e filhos, pois é nesta relação que haverá maior desenvolvimento por parte da criança, assim como também em seu aspecto afetivo, que tem essencial influência no desenvolvimento intelectual do sujeito. De acordo com a pesquisa realizada foi possível compreender a importância do tema afeto nas relações familiares, já que a sua falta ou privação podem levar um indivíduo a manifestar distúrbios de personalidade,

tais como desvios de comportamento que podem ter consequências graves ou não, bem como interferir no seu rendimento escolar.

A questão de relacionamento entre os pais tem influência direta nas condutas dos filhos assim como o relacionamento entre os pais e os filhos, pois a forma como a criança é tratada e o exemplo observado por esta, serve como aprendizagem para seus futuros relacionamentos, seja numa amizade, no trabalho, ou casamento. O desempenho das suas atividades escolares também pode sofrer interferências por parte do seu relacionamento com a família. A pesquisa veio a concluir a nossa hipótese mostrando que todas as famílias entrevistadas que tiveram um rompimento por parte dos pais ou que vivem em um clima de brigas, cobranças, pouco afeto, apresentam alguma dificuldade de aprendizagem.

A maneira com que as famílias irão influenciar e educar seus filhos ocorre independente da configuração em que se encontram. O que de fato irá influir é a clareza em suas relações afetivas, seguras e confiantes de suas decisões, desse modo conseguirão encaminhar as crianças a um processo de maturação pleno a fim de se tornarem adultos com vivência em sociedade de forma mais apropriada. Assim concordamos com Wallon (1975) quando diz que ser afetado é reagir com atividades internas/externas que a situação desperta, tendo a família como motivadora principal desta reação.

Os pais precisam ter acesso ao conhecimento de outras práticas educativas que garantam a criação e a manutenção de um acervo comportamental adequado, como o de auxiliar o desenvolvimento de habilidades sociais em seus filhos e de manter uma dinâmica familiar, com muita responsividade, afeto e comprometimento. Obviamente que em algum momento será necessária a aplicação de alguma tática para a redução ou eliminação de comportamentos inadequados aos limites colocados.

Entretanto, se o uso da disciplina positiva for sistemática, o estabelecimento de regras (limites) for consistente e lógico, com uma supervisão constante, modelos positivos, incentivo à autonomia e fortalecimento da autoestima da criança, não sobrarão muito espaço para a ocorrência de comportamentos inadequados. Os que surgirem poderão ser solucionados com estratégias menos dolorosas e indignas do que a punição física (MONDIN, 2008).

Em síntese, ressalta-se a necessidade de enfatizar, na educação familiar, as práticas educativas positivas e a prevenção de práticas negativas que impliquem comprometimentos no

desenvolvimento das crianças, tal qual incentivo de gestos afetuosos que transmitam segurança e encorajamento no desenvolvimento do indivíduo.

Assim sendo, a afetividade dos pais contribuem de maneira ímpar a uma aprendizagem significativa e promissora, e a ausência da mesma se conclui em estudos e pesquisas a solidez de dificuldades de aprendizagem de forma aparente e desastrosa ao aprendente. Contudo, visto no nosso estudo, como psicopedagoga lanço-me ao desafio de maiores aprofundamentos teóricos e metodológicos da temática estudada.

## FAMILY AFFECTIVENESS: IMPLICATIONS IN LEARNING DIFFICULTY

**Abstract:** In the midst of so many school failure histories, with regard to learning difficulties, we can say that this is not limited to age, school year or even school. In order to better understand the difficulties of learning we seek in this study to investigate the relation of the family affectivity and the difficulty of learning, so that we were able to identify the parental style in the educational practice between parents and children, and how to give the relation between them. We understand that the family has the power to influence both positively and negatively in the maintenance of these difficulties. The research is of qualitative analysis with design of a survey of data. The instruments used were the sociodemographic interview in order to collect personal data and characterize the sample and semi-structured interview conducted with six people responsible for the person with learning difficulties. The interview reports were analyzed from qualitative content analysis. In the results it was possible to perceive that 50% of the interviewees have an authoritative educational parental style, being parents who give a lot of affection as well as place limits on the children.

**Keywords:** Difficulty learning. Family. Parental style.

## 6. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. R. Cognição, corpo e afeto. **Revista Educação: coleção história da pedagogia**, São Paulo, n.3, p.26, 2010.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, p. 229.
- BAUMRIND, D. Effects of authoritative parental control on child behavior. **Child Development**, n. 37, p. 887-907, 1966.
- CÓRIA-SABINI, M. A. **Psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: Ática, 1998.
- COSTA, F. T.; TEXEIRA, M. A.; GOMES, W. B. Responsividade e Exigências: Duas Escalas para Avaliar Estilos Parentais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 13 n. 3, p. 465-473, 2000.
- DANTAS, et al. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo, 1992.
- GALVÃO, I. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis. RJ: Vozes, 2010.
- GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- JARDINI, et al. Fundamentação Teórica: alfabetização e reabilitação dos distúrbios da leitura e escrita, **Casa do Psicólogo**, ed. 3, n. 1, 2006.
- KOBARG, A. P.; VIEIRA, M. L. Crenças e práticas de mães sobre o desenvolvimento infantil nos contextos rural e urbano. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 21, n. 3, p. 401-408, 2008.
- MacCoby, E.; Martin, J. Socialization in the contexto f the family: Parent-child interaction. In: E. M. Hetherington E P. H. Mussen (orgs). **Handbook of child psychology**, New York: Wiley, v. 4, p. 1-101, 1983.
- MONDIN E. M. C. **Práticas educativas parentais e seus efeitos na criação dos filhos**. São Paulo: Vila Sales, 2008.
- PACHECO, J. B.; SILVEIRA, L. B.; SCHNEIDER, A. A. Estilos e práticas educativas parentais: análise da relação desses construtos sob a perspectiva dos adolescentes. **Psico**, v. 39, n.1, p. 66-73, 2008.
- PAROLIN, P. **É proibido proibir?**. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- PIAGET, J. **The relation of affectivity to intelligence in the mental development of the child**. [transl. by Pitsa Hartocollis]. In Bulletin of the Menninger Clinic. – v. 26, n. 3, 1962.
- RAMOS, M. B. J. **Psicologia e educação: o significado do aprender**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- ROCHA, S. C.; MACHADO R. C. **Artigo relação família escola**. Disponível em <http://www.unimeo.com.br>. Belém –Pará, p.18, 2002.

SALLA, F. O que afeta a criança. **Revista nova escola**, São Paulo, n. 246, outubro 2011.

SALVADOR, A. V.; WEBER, L. D. Práticas educativas parentais: Um estudo comparativo da interação familiar de dois adolescentes distintos. **Interação em Psicologia**, v. 9, n. 2, p. 341-353, 2005.

TEXEIRA, M. P., OLIVEIRA, A. M.; WOTTRICH, S. H. Escalas de práticas parentais (EPP): Avaliando dimensões de práticas parentais em relação a adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 19, n. 3, p. 433-41, 2006.

WALLON, H. **As Origens do Caráter na Criança**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971.

WALLON, H. **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Estampa, 1975.

## APÊNDICE

## ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

## • DADOS DA CRIANÇA:

NOME:

IDADE:

SEXO:

ANO ESCOLAR:

## • DADOS DO ENTREVISTADO:

NOME:

IDADE:

SEXO:

GRAU DE PRETESCO:

GRAU DE ESCOLARIDADE:

1. QUANTAS PESSOAS COMPÕEM A SUA FAMÍLIA?
2. QUANTOS IRMÃOS A CRIANÇA TEM E QUAL A IDADE DE CADA UM?
3. COMO SE DAR A RELAÇÃO ENTRE PAI/MÃE?
4. COMO SE DAR A RELAÇÃO ENTRE PAI/FILHOS?
5. COMO SE DAR A RELAÇÃO ENTRE MÃE/FILHOS?
6. COMO SE DAR A RELAÇÃO ENTRE OS IRMÃOS?
7. EXISTE COBRANÇA POR PARTE DOS PAIS COM RELAÇÃO A TIRAR BOAS NOTAS NA ESCOLA?
8. QUAL É A REAÇÃO DOS PAIS QUANDO A CRIANÇA TIRA NOTA BAIXA?
9. COMO A CRIANÇA DEMONSTRA FICAR QUANDO TIRA NOTAS BAIXAS?
10. EXISTE TROCA DE CARINHO ENTRE VOCÊ E SEU/SUA FILHO (A)? COMO SE DAR ESTA RELAÇÃO? HÁ UMA AMIZADE ENTRE VOCÊS?
11. SEU FILHO APRESENTA ALGUMA DIFICULDADE N DE APRENDIZAGEM?
12. EM CASO AFIRMATIVO, QUAIS AS DIFICULDADES?

## ANEXO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Colaborador(a),

Estamos realizando a pesquisa que traz como título AFETIVIDADE FAMILIAR: IMPLICAÇÕES NA DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM, que tem como objetivo geral investigar a relação da afetividade familiar e a dificuldade de aprendizagem. Especificamente pretende verificar o estilo educativo parental presente na relação entre pais e filhos; identificar os tipos de relações existentes na família e analisar as implicações da afetividade na dificuldade de aprendizagem.

Para efetivação do estudo, gostaríamos de contar com sua colaboração respondendo esta entrevista. Por favor, atente para as instruções e responda conforme seu julgamento, sem deixar qualquer das questões em branco.

Para que você possa respondê-la com a máxima sinceridade e liberdade, garantimos o anonimato e a confidencialidade de todas as respostas, por isto, faz-se necessário documentar seu consentimento. Todavia, comunicamos ainda que você pode abandonar o estudo a qualquer momento sem nenhum tipo de prejuízo. Por fim, colocamo-nos a sua inteira disposição para esclarecer qualquer dúvida que necessite (telefone: (83) 3216-7200).

Desde já, agradecemos sua colaboração.

---

Andressa Karla de Lima Rosas

#### TERMO DE CONSENTIMENTO

Assinando este termo, estou concordando em participar do estudo acima mencionado, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Ms. Maria Tereza Lira de Oliveira, estando ciente de que os dados fornecidos poderão ser utilizados para fins científico-acadêmicos.

João Pessoa, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Assinatura do Participante